

REPENSANDO O LUGAR DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE SER E FAZER EM UMA OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Márcia Schopf^{*}

Camilla Baldicera Biazus^{**}

Gabriel Blaskesi Figueira^{***}

Deise Christiani de Oliveira Gomes^{****}

Resumo: Os contos de fada representam e mobilizam o universo infantil, as angústias, desejos e emoções que compõem o ser criança, possibilitando assim a expressão dos estados mentais, das fantasias infantis e do seu mundo interno. As histórias infantis podem ainda ajudar no processo de aprendizagem, simbolização, criatividade e identificações na medida em que atuam como uma materialidade simbólica que facilita a construção de sentidos e assim a constituição do sujeito. A partir de uma oficina de contação de histórias realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil no interior do Estado do Rio Grande do Sul, com crianças de 5 anos, buscar-se-á refletir acerca do papel e do lugar da Psicologia Escolar neste espaço dando ênfase ao processo de contação de histórias enquanto espaço que sustenta e provoca diferentes possibilidades de ser e fazer no âmbito da educação.

Palavras-chave: Educação. Psicologia. Contos infantis.

1 A Psicologia na educação: repensando este lugar

A relação entre a Psicologia e a Educação é resultado de pouco mais de cem anos de desenvolvimento da Psicologia, decorrendo particularmente de conhecimentos

* Acadêmica do VII Semestre do Curso de Psicologia da Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI Campus Santiago. E-mail: maahschopf@hotmail.com. Telefone: (55)96763849.

** Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santiago. Mestre em Psicologia Clínica. Doutora em Linguística pela UFSM. E-mail: camillabiazus@yahoo.com.br. Telefone: (55) 96388149.

*** Gabriel Blaskesi Figueira. Acadêmico do VII Semestre do Curso de Psicologia da Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI Campus Santiago. Bolsista do Projeto de Extensão Ser e Criar: Grupo de Estratégias Criativas em Educação. E-mail: gabrielbfigueira@hotmail.com. Telefone: (55)99918503.

**** Acadêmica do VII semestre do curso de Psicologia/URI Santiago RS. Bolsista no NUPOT (Núcleo de Psicologia Organizacional e do Trabalho). E-Mail: deisechristiani_gomes@hotmail.com. Telefone: (55) 99275300.

vinculados à Psicologia Clínica, à Educação e à Educação Inclusiva (BARDON, 1989). Esta área do saber adentrou o espaço escolar devido às necessidades de se buscar formas de resolver questões relacionadas a alunos rotulados como “problemas” e aqueles que apresentavam dificuldades na aprendizagem. De acordo com Evangelista de Oliveira e Marinho-Araujo, a inserção da Psicologia nas escolas foi marcada por objetivos fortemente adaptacionistas, nos quais predominava a necessidade de corrigir e adaptar à escola, o aluno portador de um problema de aprendizagem. Contudo segundo as autoras, ao longo dos anos a Psicologia Escolar tem buscado solidificar uma atuação de caráter preventivo e relacional que se sustenta muito mais em parâmetros de sucesso do que de fracasso. Devido as grandes transformações na contemporaneidade o papel e o lugar do Psicólogo na Escola ou no âmbito educacional está se modificando e desmitificando-se. Começa-se a dar um novo olhar ao fazer deste profissional, a este cenário, pensando uma ação diferenciada e transformadora que, além de promover o desenvolvimento e a aprendizagem no cotidiano escolar, vem também enriquecer esse campo do conhecimento e os seus personagens.

Repensar o lugar do Psicólogo dentro do espaço escolar é repensar suas práticas dentro das possibilidades ali inseridas. É trazer a espontaneidade e criatividade no seu ser e fazer, tornando este lugar como facilitador de um desenvolvimento biopsicossocial saudável. As relações entre a educação e a psicologia vão muito além de uma postura tecnicista e adaptacionista, elas exigem a vivência, a experimentação do cotidiano escolar não mais como um espaço de aplicação de conceitos e conhecimentos, mas um “espaço-vivo” de trocas e constante construção. É diante desse cenário, de questionamento em relação às práticas psicológicas no campo da educação, que surge a ideia da realização de uma oficina de contação de histórias por estagiários do curso de psicologia no contexto de uma Escola de Educação Infantil.

No âmbito da psicanálise, inúmeros são os trabalhos clínicos que buscam nos contos de fadas inspiração e criatividade para práticas terapêuticas na intervenção em grupos ou no próprio espaço de atendimento individual. Já no espaço escolar, são raros os estudos que apontem esse dispositivo como uma possibilidade de (re)pensar o lugar e o fazer da psicologia na educação. Contudo, buscou-se através das práticas de estágio em Psicologia Escolar, criar uma oficina de contação de histórias no espaço educacional infantil, objetivando a construção de um espaço outro dentro da Educação onde fosse possível às crianças simbolizar, fantasiar e construir sentidos para as suas vivências e emoções.

2 Espaço escolar como possibilitador de mudanças na constituição do ser criança

O referencial teórico que sustenta a possibilidade de construção de uma oficina de contação de histórias enquanto espaço de atuação do psicólogo dentro do ambiente escolar, refere-se a psicanálise winnicottiana. Para Winnicott (1983) o ambiente tem papel preponderante no desenvolvimento da criança. Segundo o autor, o ambiente é um espaço constituinte da subjetividade, tem papel ativo, no amadurecimento emocional humano, sendo visto não apenas como um elemento contextualizador, mas constituindo a sensação de ser si mesmo. Sendo assim, o contexto escolar é um desses ambientes, espaços importantes na constituição da subjetividade da criança. Pode ser compreendido como um espaço social inicial de trocas, movimentações, experiências, sentimentos e possibilidades de identificação. É a partir dessa inserção inicial da criança na escola que a mesma começa a dar significados e construir sentidos no que diz respeito à ela, ao outro e ao mundo a sua volta. Nesta perspectiva a saúde emocional da criança está relacionada com os modos de viver e ser, da sua gestualidade espontânea e criativa. Entretanto, se torna importante destacar que esta capacidade depende da ação do ambiente, no sentido de favorecer o amadurecimento emocional e sustentar este acontecer, descrito por Winnicott como Holding. Sendo este o conjunto de ações integradas e indissociáveis realizadas pela figura materna no cuidado ao seu filho. Essa função na relação mãe-bebê atua na constituição física e emocional da criança.

Assim, a partir da perspectiva winnicottiana, pensa-se o espaço da escola para além de sua estrutura física ou dos seus objetivos e compromissos com a produção e “transmissão” do conhecimento. Pensa-se o ambiente escolar como um ambiente constituinte da subjetividade dos sujeitos que ali se encontram, podendo ser facilitador da emergência do sentimento de ser si mesmo e do gesto espontâneo, produzindo novos encontros entre o eu e o outro, entre o mesmo e o diferente, entre o familiar e o estranho. Neste sentido, pensando o âmbito da educação como facilitador do desenvolvimento emocional do sujeito, criou-se uma outra forma de intervenção e atuação do psicólogo na escola: a oficina de contação de histórias. Essa oficina é compreendida como uma intervenção de tipo não interpretativo, contando com a utilização de materialidades expressivas, tais como: desenhos, histórias, música, teatro. O processo de contar e (re)criar histórias permite aos sujeitos envolvidos construir seus próprios mundos, dando-se o encontro de experiências que possibilitem o amadurecimento emocional e o viver espontâneo. O brincar possibilitado nesta oficina, não é apenas algo infantil, mas fonte do ato espontâneo e da criatividade. É só através do brincar que tanto crianças quanto

adultos terão condições de serem criativos. Na perspectiva Winnicottiana, o brincar ocorre no espaço potencial, área intermediária entre o espaço interno e externo. Constitui-se inicialmente da relação mãe-bebê, podendo ser recriado nas mais diferentes relações (WINNICOTT, 1975). Assim, pensa-se a oficina de contação de histórias como um espaço de brincar dentro da escola, no sentido winnicottiano dessa palavra.

3 O contar e (re)contar histórias: possibilidades de ser e fazer

O brinquedo envolve funções corporais e, ao mesmo tempo, o manejo de objetos e ansiedade. Auxilia a criança na aquisição de habilidades, como julgamento, agressão e destrutividade. A contação de histórias exige fantasia, imaginação e neste sentido mobiliza o sujeito a brincar com suas emoções, com seus medos, encontrando na história e nas relações por elas mobilizadas um espaço para expressar o seu mundo interno e para elaborar os seus conflitos. Corroborando com isso, Hisada (2007) discorre que narrar histórias é sem dúvida uma forma de brincar que também se manifesta culturalmente e que fornece matéria prima para a fantasia infantil. Os personagens e suas características, bem como o enredo, possibilitam a criança externalizar necessidades e desejos. A criança utiliza-se deste mundo da fantasia como meio de se apropriar do mundo externo com certa segurança de se deparar com a realidade exposta. Para Gutfreind (2004) narrar histórias supõe interação, toque, olhar, entender gestos. E é nesse contato com o outro que o sujeito vai se constituindo. Utilizar contos de fadas no trabalho com crianças proporciona estímulo a imaginação, capacidade de simbolizar, estimula o pensar, permite o compartilhamento com os outros de seus próprios medos e desejos, visto que a narração das histórias se faz sempre em grupo e nunca de maneira individual. As histórias estimulam a imaginação de forma que auxilia a elaborar conflitos, experienciar o prazer em enfrentar e controlar a angustia e medos suscitados pelas histórias, que por vezes podem ser assustadoras. Benefícios estes que auxiliarão na aprendizagem, compreendida aqui sempre como um processo e nunca como um resultado.

Os contos necessitam ter um espaço amplo nas escolas, com ênfase em seu aspecto lúdico, tão importante ao desenvolvimento de um viver criativo, da espontaneidade, da leitura e aprendizado. Segundo Gutfreind (2010, p.79), “as crianças que frequentam oficinas de contos tornam-se capazes de emitir frases mais construídas, de recorrer a um vocabulário mais rico e de apresentar uma capacidade narrativa mais elaborada, além de adquirirem maior facilidade de leitura”. Frente a essas considerações teóricas, pretendeu-se com esta proposta

da oficina de contação de histórias, propiciar um espaço escolar mais sadio e alegre, trazendo os contos de fada como mediadores destes recursos e propiciando relações, trocas entre os diferentes atores sociais neste âmbito. Como bem pontuam Corso e Corso (2006), as histórias infantis ocupam importante papel e espaço no imaginário infantil uma vez que operam como roteiros que auxiliam a criança na busca e na definição de seus espaços na família e no universo social. Sendo assim, por que não pensá-las como um dispositivo potencial de intervenção do psicólogo no espaço educacional?

4 Resultados

A oficina de contação de histórias é realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil numa cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul. Participam dessa oficina crianças da pré-escola, com idade de cinco anos, no espaço da brinquedoteca da escola. Lugar de materialidades concretas (brinquedos, piscina de bolinhas, almofadas) que auxiliam juntamente com as materialidades simbólicas a representar este universo do faz de conta. Formam-se dois grupos, dividindo a turma, para melhor andamento da oficina. O encontro é feito uma vez na semana, com duração em média de uma hora e meia, cada grupo. São três contadores, que se dividem em contar a história, encenar e auxiliar as crianças. Para os encontros são escolhidos os contos clássicos, juntamente com o desejo das crianças. Cada conto tem seu significado, assim como os personagens, possibilitando assim a representação de desejos e do imaginário. A oficina é realizada em três momentos: primeiramente faz-se a contação da história já escolhida anteriormente, entre uma fala e outra, dá-se a oportunidade da criança participar da contação, até mesmo indagando-a e ajudando na sua narração. Gutfreind (2003) enfatiza a importância do narrador de histórias utilizar uma determinada modulação vocal, gesto e olhar adequados, “[...] um ritual de início e fim marca bem a entrada e o fecho no mundo simbólico das histórias” (p.36). Em um segundo momento é conversado sobre a história e possíveis modificações/transformação no percurso desta: finais diferentes, personagens diferentes, e espaço para a recriação da história da forma que desejarem, por encenação, desenhos, ou pela fala.

No último momento da oficina, dá-se o espaço de criação, representação, e de um brincar mais livre. Através de fantasias, confeccionadas pelos próprios contadores, cada criança se caracteriza com a materialidade que se identificar e a representar. Os contadores também devidamente fantasiados recriam o cenário da história, criam novas histórias onde os

personagens de vários contos de fadas, perpassam e se entrelaçam no mundo da fantasia: a “Rapunzel” entre na floresta do “João e Maria”, o “patinho feio” vira amigo da “bruxa” da “branca de neve”. As crianças brincam de protagonizar as histórias, mas também de reescrevê-las, descobrem-se personagens, mas também autores. Buscam e brincam com o lugar da autoria e da encenação nessas histórias.

Contudo, torna-se importante destacar que no início da oficina de contação de histórias o processo de simbolizar, e representar eram difíceis, muitas crianças ficavam tímidas, com dificuldades de “entrar” nas histórias e “mexer” com elas. Mas no decorrer dos encontros, até mesmo com o vínculo estabelecido entre os estagiários e as crianças, o processo de elaboração das histórias e o que isso provocou nelas trouxe o potencial criativo, e a segurança para representar e dar sentido ao que o conto possibilitava. Possibilitou também a autonomia das crianças ao proporcionar a elas o protagonismo deste espaço, onde elas podem criar e (re) criar histórias, fantasias. Utilizar as materialidades como parte do cenário, onde a piscina de bolinhas tornou-se o castelo da Rapunzel, da Cinderela, o boliche de brinquedo tornou-se os obstáculos da floresta de João e Maria. Os personagens transitaram entre um conto e outro, no baile das princesas Rapunzel, Bela Adormecida, Branca de Neve, e Bela, também estava o pirata, o palhaço, a bruxa que às vezes era má e outras vezes era boa. A fada boa, que podia se tornar má, o patinho feio aparecia na festa também. Nestes exemplos pode-se pensar na capacidade de simbolização das crianças no decorrer dos encontros, que durou aproximadamente nove meses.

Os encontros são singulares, vivos, cheios de magia e divertimento. Quando se trabalha com crianças o imprevisto é quase sempre previsto. Devido a grande agitação, curiosidade e desejos da mesma, a oficina não segue a “ordem” até então proposta. Muitas vezes não se consegue contar propriamente a história, parte-se já para a encenação com as fantasias. E é o que as mais mobilizam na criação de personagens. O processo de identificação vai ocorrendo no decorrer dos encontros. Crianças que sempre se identificavam com os personagens maldosos, como a bruxa, o lobo mau, o pirata mau, passam a se identificar com personagens bons, assim tornam-se a fada boa, o lobo e o pirata bom. A relação que se estabelece entre os estagiários e as crianças é o que move a oficina. Ambos se entregam para este/neste momento, brincam, riem, transitam pelo espaço, entre personagens, brincadeiras, realidade e fantasia. Este espaço possibilita ser si mesmo no ser e fazer de quem vivencia a oficina.

Conclusão

Diante da proposta de repensar o papel do psicólogo escolar frente as demandas até então destinadas a ele, pensa-se no rever práticas neste contexto que possibilitem a resolução de problemas, mas com enfoque voltado ao lúdico, priorizando o desenvolvimento da criatividade e da espontaneidade dos sujeitos envolvidos. Um espaço que se apresenta como constituinte da formação intelectual, emocional e social do sujeito. E por propiciar esta formação, possibilita pensar novas maneiras de ser e fazer neste âmbito. Pensar a psicologia inserida neste ambiente, em forma de oficina de contação de histórias, abre caminhos e possibilidades de mudança tanto no fazer profissional quanto da própria escola, em dar e oferecer espaços de trocas, de caráter lúdico, mas ao mesmo tempo terapêutico. São caminhos possíveis de esperança, de uma educação mais humanizadora, voltada aos desejos do aluno, de suas potencialidades e possibilidades.

O espaço escolar propicia práticas criativas, inovadoras, que auxiliam no processo ensino-aprendizagem do aluno, que visa o singular, o subjetivo de cada um. A educação é transformadora, mas para que de fato se concretize de forma possível e “libertadora”, tem que haver a troca das áreas do conhecimento, a vontade de mudar e o desejo para que isso aconteça. Pensar a educação é pensar em um futuro possível de mudanças. Estas que começam dentro de um espaço de contação de histórias, onde as crianças são protagonistas de suas próprias histórias, são capazes de criar e recriar, dar sentido e nomear seus desejos, anseios e conquistas. É fazer trocas, relacionar-se, enfrentar dificuldades, aprender a ganhar e perder, a dividir, é permitir-se ser si mesmo. Sem julgamentos, repressões ou qualquer tipo de discriminação.

Referências

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. **Ser e fazer:** enquadres diferenciados na clínica Winnicottiana. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

ALMEIDA, S. F. C de (Org). **Psicologia Escolar:** Ética e Competências na formação e atuação profissional. Campinas: Editora Alínea, 2003. P. 59-83.

GUTFREIND, C. (2003). **O terapeuta e o lobo:** a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo.

HISADA, S. (1998). **A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma visão winnicottiana**. Rio de Janeiro: Revinter.

OLIVEIRA, C. B. E; MARINHO-ARAUJO, C. M. – **Psicologia Escolar: cenários atuais**. Estudos e pesquisa em psicologia, UERJ, RJ, ANO 9, N.3, P.648-663, 2º semestre 2009.

WINNICOTT, D. W.(1971). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1962). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. P. 152-155.

_____. (2007). **A formação do psicólogo escolar e os impasses entre a teoria e prática**. In: _____. Psicologia Escolar, LDB e educação hoje. Campinas, SP, 2007. P. 39-40.